

editorial



NA SITUAÇÃO ACTUAL O TRABALHO TEM DE CONTINUAR

As responsabilidades que assumimos ao longo de alguns anos de trabalho perante largas camadas da juventude, e perante nós próprios; o próprio trabalho que desenvolvemos; as derrotas e vitórias, não podem ficar no congelador da história à espera de melhores dias. E, sobretudo, a bandeira da luta revolucionária que temos vindo a empunhar não pode ficar enrrolada a um canto à espera que alguém resolva as "contradições"...

As posições que dissemos, e temos vindo a defender durante estes anos de trabalho em comum obrigam-nos a olhar para o futuro, resolver as nossas próprias contradições e preparar o terreno para que os passos seguintes na libertação da juventude e do nosso povo, na libertação de todos os povos do mundo, pelo socialismo e para o comunismo, possam ser dados com determinação.

NA SITUAÇÃO ACTUAL PENSAMOS QUE O TRABALHO PODE CONTINUAR

Temos de ter presente que a situação que vivemos não é a mesma e o trabalho tem de ser conduzido sob novas formas.

Temos de ter consciência que a crise é real e que não é só nossa. Atravessa todo o campo revolucionário, as várias estruturas da sociedade, manifesta-se sobre diferentes formas, é certo, mas atravessa de alto a baixo toda a luta de classes de leste a oeste.

Temos de ter em conta as nossas próprias forças, a situação actual e real dos revolucionários e da juventude. E, principalmente, os recentes passos que temos vindo a dar na compreensão da situação actual. Isto porque, se por um lado temos avançado de forma positiva na caracterização da situação (*) que vivemos, se ao nível da elaboração temos como assente a viragem real dos mecanismos determinantes da nossa vida de todos os dias, da necessidade de recomposição do campo revolucionário, de uma nova linguagem e estilo de trabalho, da necessidade de nos dotarmos organizativamente de instrumentos adequados à actual fase; por outro lado e na prática, nem um passo tem sido dado na concretização daquilo que temos vindo a dizer, muitos camaradas continuam agarrados às velhas formas e objectivos de trabalho, continua-se à espera que a recomposição surja de "cima" e que os novos instrumentos sejam paridos por alguma alma mais iluminada.

Assim, é natural, é da história que o trabalho não produza frutos, se trabalhe por trabalhar ou não se trabalhe (!), se marre contra o muro e o que cede seja a cabeça.

EXISTEM, NO ENTANTO, CONDIÇÕES PARA, CONTANDO COM AS NOSSAS FORÇAS, REPENSAR A NOSSA VIDA/FORJAR ALTERNATIVAS

Isto a dois níveis, sobre nós próprios, e sobre sectores da juventude que durante estes anos têm vindo a amadurecer uma opção claramente progressista fora do controlo ideológico das classes dominantes.

Às condições que nos são impostas do exterior. Ao cerco opressivo do dia a dia embruteador. Ao casa-escola, casa-escola... em cadência mais ou menos rápida, ritmada, com passagem (para muitos de nós) não menos rítmica pelo emprego de recurso para se "cumprir o destino". Ao plic-plic em conta gotas, que nos bate, dia a dia, hora a hora, na moleirinha: a informação competente, as matérias europeias acima-de-qualquer-

(*) EPC 23 - Encontre sobre o trabalho Associativo e cultural



-suspeita, com o selo bem visível dos ministérios da "propaganda" (e, água mole... pode não fazer moossa, mas chateia!); a isto, e etc. opunhamos a nossa força, a nossa juventude a criatividade de que nos dá o querer ser livres.

VAMOS SEGUIR EM PRENTE, CONSTRUIR HOJE E AQUI A NOSSA ALTERNATIVA, A ALTERNATIVA DOS QUE CONNOSCO QUEREM VIVER.

Recolhendo a experiência do que vamos fazendo, as sementes que vamos lançando ao vento, é possível construir uma PLATAFORMA DE TRABALHO que extravase o invólucro em que nos metemos, e reproduza uma, duas, dez vezes a nossa vida.

Alguns dos passos já foram dados, outros começam a sê-lo, não podemos é ficar em sentido, perfilados à "ordem" e ao progresso que nos esmagam.

A experiência de algumas das listas em que temos participado, nomeadamente no processo de Coimbra, a criação de grupos de estudantes em algumas escolas, são caminhos possíveis.

VAMOS FAZER SAIR REGULARMENTE O EPC ATÉ AO VERÃO

Mas sair, só, não chega. É preciso que ele seja um elo entre nós todos, um ponto de encontro das nossas experiências de norte a sul, uma tribuna da nossa polémica, um instrumento do nosso trabalho; que perca o ar solene e circunspecto dos "Velhos tempos" e seja qualquer coisa de mais vivo! - AGORA A RESPONSABILIDADE É TUA: escreve, berra, barafusta mas FAZ.

Aliás este número ainda é o reflexo de continuares à espera... e talvez descrente.

VAMOS FAZER UM ACAMPAMENTO DE VERÃO

Lá para Agosto, num local que agrade à malta e com um tempo para viver.

FICAS JÁ AVISADO, PARA DEPOIS NÃO VIREIS COM DESCULPAS...

Tem de ser preparado com tempo, temos de começar já a dizer aos outros para irem guardando uns dias para os vivermos em conjunto.

VAMOS FAZER OUTRAS COISAS, MUITAS COISAS, pelo menos com uma certeza,

DEIXA LÁ, QU'EU
TAMBÉM!



que SOMOS TODOS INDESEJAVÉIS!

JÁ FIZESTE A TUA ASSINATURA DO EPC?

NÃO?

ENTÃO, "FAZÉ-A"!

SÃO 50 PAUS, PARA OS NÚMEROS TODOS ATÉ AO ACAMPAMENTO, É MAIS UM ESPECIAL POR ESSA ALTURA! ... E SEM OVOS... AS ORCILLAS, NILLAS!...

vai acontecendo...

CONTACTOS COM OUTRAS FORÇAS POLÍTICAS



Têm-se mantido contactos regulares com a UJCR e JSR, em particular com a primeira.

Discutiram-se um conjunto largo de propostas que incluíam uma iniciativa comum no sentido da edição de um jornal de juventude. Nenhuma conclusão se tirou, apesar da nossa disponibilidade para tal iniciativa, o que se deve às dificuldades internas da UJCR e a um subitito "esquecimento" da JSR (organização estudantil do PSR, este resultante da fusão da LCI com o PRT) das propostas apresentadas.

Entretanto foi divulgado um comunicado conjunto MES-UJCR-JSR-UEDS sobre a situação no propedêutico, estando previstas reuniões das 4 organizações para discutir uma eventual plataforma de trabalho comum no propedêutico.

SITUAÇÃO DAS "FORÇAS À ESQUERDA DO PC/UEC"

Na base de informações diversas sobre as forças políticas, do ponto de vista estudantil dá-se a conhecer alguns tópicos sobre a sua situação interna.

UEDS - força muito hesitante nas alianças políticas a estabelecer, ora aliando-se ao PCP, caso de Coimbra, ora ao MES exclusivamente, ora ainda ao conjunto das forças e sectores à esquerda da UEC.

Não se sabe da existência de nenhuma plataforma estudantil aprovada pela organização nem existe uma estruturação muito consistente.

JSR - Existem poucas informações, dada a própria natureza "fechada" da organização. No entanto, após uma fase muito activa, nomeadamente ao nível de direcção, a sua actividade decresceu muito.

O congresso da JSR parece ter sido um falhanço, com uma participação muito reduzida.

O jornal "Contra a Corrente" não saiu após o congresso e apareceu apenas um número este ano lectivo.



UJCR - É sem dúvida a força mais significativa destas 3, que no entanto nestes últimos meses sofreu um rápido processo de desagregação, não tendo o Encontro Nacional estudantil de DEZ. surtido efeitos.

Essencialmente as saídas, que incluem dirigentes e activistas, são produzidas por duas razões diversas:

a) efeitos da estabilização da democracia burguesa

b) divergências políticas no quadro da preparação do III congresso do PCP(R). Essas divergências incluem temas como:

- . análise da situação política
- . MCI e análise do pensamento de Mao Tsé Tung (Mao Zedong)
- . Capacidade e vontade do CC e do próprio PCP(R) em evoluir, politicamente do ponto de vista tático e estratégico. Não podendo como é evidente, haver uma contabilização quantitativa das razões das saídas é claro que a alínea b) é muito significativa.

Será de esperar uma evolução desta situação após o III congresso do PCP(R).

CONTACTOS INTERNACIONAIS



Estabeleceu-se já há algum tempo contactos com a FJR (organização de juventude do MC, os quais têm sido no entanto sido limitados pelos sucessivos processos eleitorais em Espanha.

Têm-se recebido também alguma documentação diversa da Bélgica (Pour le Socialisme), Itália (Democrazia Proletaria) e França (OCT).

Fomos convidados a participar num meeting internacional sobre o ensino, em Bruxelas, não tendo dado resposta positiva dada a nossa impossibilidade material para nos deslocarmos até lá.

Este meeting era organizado pelas forças subscritoras da plataforma "Contra a Europa dos patrões, pela Unidade dos trabalhadores" que agrupa um numero largo de organizações revolucionárias europeias, das quais as mais significativas são: o PSP da Holanda, VS da Dinamarca (c/deputados no parlamento), KB da RFA, MC e PTE da Espanha, DP da Itália (também c/deputados) e OCT e PSU da França.

Do meeting referido espera-se receber as conclusões, as quais serão depois rep produzidas no EPC.

tema: as eleições para a gestão



Enfrentámos as eleições que agora tiveram lugar nas escolas com a análise que foi possível realizar até ao encontro associativo e cultural e que o EPC 23 sintetizou.

Enfrentámos estas eleições com a consciência que a nossa análise é insuficiente e que a desorganização e a falta de objectivos claros e precisos da intervenção revolucionária é preponderante.

Teremos assim de encarar o balanço destas eleições como um contributo para o avanço da discussão que iniciámos e que há que prosseguir. Foi um primeiro teste ainda insuficiente perante a fase de elaboração atrasada em que nos encontramos, e as conclusões não poderão ser assim perfeitamente claras e esclarecedoras. Poderemos, no entanto, retirar deste período eleitoral alguns elementos importantes a integrar no debate a travar até ao próximo processo eleitoral para as direcções associativas.

As principais forças estudantis são neste momento a UEC e a JSD. São estas forças as únicas que se apresentam em todas as escolas como potencialmente vencedoras situando-se quase sempre em 1º ou 2º lugar.

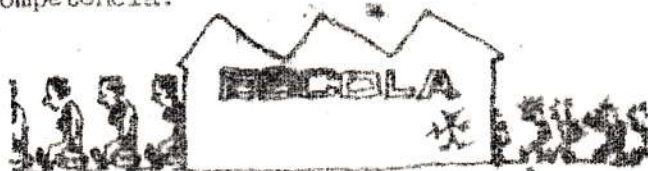
Temos assim uma JSD numa fase de efectiva afirmação, demonstrando uma capacidade de intervenção superior e uma organização considerável (o que a criação da TER demonstra). A UEC mantém a força que alcançou principalmente no ano anterior, revelando uma clara política de alianças (não aliança ou aliança com a JS) e jogando quase sempre a médio e longo prazo em articulação com uma estratégia de influência do FCP no aparelho escolar português.

A JS embora tentando melhorar a sua imagem junto de um eleitorado de esquerda, continua a ser uma força relativamente insignificante e com um espaço reduzido, não apresentando qualquer programa político referenciado.

As forças à esquerda da UEC sofrem um recuo importante. Continuam no entanto a deter uma força considerável e um espaço político importante.

Esta situação geral confirma a nossa análise sobre o estado subjectivo da massa estudantil; os estudantes votam maioritariamente nas forças de maior peso institucional, não procurando nas eleições a resolução dos seus problemas mas justificando um comportamento enquadrado institucionalmente através da democracia formal da delegação de vontade. Paralelamente existe também um largo sector estudantil que embora sofrendo os efeitos do enquadramento burguês continua a ver nas forças revolucionárias um possível instrumento de luta; este sector tende no entanto a diminuir com a saída das escolas dos últimos anos, e com a incapacidade até agora demonstrada pelas forças revolucionárias em darem respostas concretas para a situação actual.

JSD - analisa a situação actual como uma situação de crise originada pelas forças de esquerda qualificando-as de incompetentes e irresponsáveis. Assim apresentam-se como uma alternativa para o "progresso colectivo" defendendo os interesses dos estudantes. Fazem em geral um apelo à não abstenção, fazendo-se porta-vozes de uma maioria "que se deixa manipular pelas forças de esquerda golpistas". Pretendem uma escola apta a concorrer com o ensino da CEE, pelo que preconizam uma modernização do ensino através do realismo e da competência.



No plano da gestão defendem o decreto de gestão embora fazendo por vezes algumas críticas, no quadro da defesa da legalidade e da democracia representativa. Defendem a hierarquia, a ligação dos conselhos directivos aos reitores e ao MEC. Criticam a não eficácia das assembleias de representantes e conselhos pedagógicos, culpando as forças de esquerda.

Quanto à avaliação de conhecimentos defendem também métodos "realistas e competentes", aceitando sem reservas os testes mas aceitando igualmente a validade dos trabalhos de grupo e da avaliação contínua, rejeitando-os, no entanto, por não existirem as condições adequadas" bem como "por proporcionarem golpismos e oportunistas inaceitáveis". Criticam os planos de curso pós 25 de Abril acusando-os de marxistas e teóricos e pugnam por planos de curso de modelo anglo-saxónico essencialmente práticos e ligados às necessidades do desenvolvimento económico capitalista.

No geral os seus programas são bastante ideológicos apresentando-se como uma alternativa reformista e moderada face às teorias revolucionárias e conservadoras, opondo a via da conciliação à via da contradição defendendo a democracia e a competência, a liberdade o pluralismo e a declaração universal dos direitos do homem. Palavras de ordem mais significativas: "por uma REP na CEE", "por um ensino de competência", "por uma universidade democrática", "pela eficiência"...

UEC - Como afirmámos anteriormente a UEC representa uma das principais forças estudantis, no entanto, essa força não lhe vem da clareza das suas propostas programáticas. De facto, não se encontra ao longo dos seus programas eleitorais uma análise rigorosa da situação actual nem uma perspetiva a prazo para a acção e mobilização estudantil. A sua força vem-lhe sobretudo do seu peso institucional e do aparelho organizativo de que dispõe, actuando também ao nível meramente institucional.

Assim, sobre a análise da situação caracterizam-na como um período de crise universitária, atribuída à má qualidade do ensino, à inexistência de métodos pedagógicos uniformes e coerentes e à desadequação face às necessidades do país, após o que descem a pormenores de funcionamento do ano anterior. Situam-se assim no campo da defesa das conquistas e dos importantes passos dados após 25 de Abril na democratização do ensino apontando para a saída da crise através de uma política de diálogo mútuo, de uma acção positiva e responsável e de uma adequação do ensino às necessidades do país pelo que terá de ser reestruturado.

No campo da gestão actuam no quadro do decreto de gestão, defendendo a democracia na escola e propondo algumas alternativas de funcionamento dos órgãos, nomeadamente através de um reforço do conselho pedagógico, dando poderes consultivos ao conselho científico, defendendo o poder deliberativo da AR limitado a determinados assuntos e mantendo a eleição do CD em AR. No geral pugnam pela revisão do decreto de gestão tornando-o mais democrático.

Quanto à avaliação de conhecimentos defendem no geral a avaliação contínua embora esteja sempre subordinada aos condicionalismos de cada escola e preferiam como é óbvio os métodos "mais realistas", dando grande importância à competência, demonstrando por vezes, como em direito de Coimbra o interesse pelas questões pedagógicas a partir do "bom aproveitamento escolar" dos elementos que integram as suas listas.

Como características específicas há ainda a referir a importância que é dada aos trabalhadores-estudantes numa perspectiva meramente sindicalista e às saídas profissionais equacionadas em termos de centralização de ofertas de emprego e de integração dos quadros técnicos.

A nova situação que se vive hoje ao nível das escolas e do estado subjectivo dos estudantes não lhes é no entanto totalmente estranho. As tentativas de modificação do discurso e sobretudo a apresentação de programas eleitorais menos "sérios e pesados", sobretudo no Porto, demonstram a necessidade de fazer frente ao discurso e à forma de apresentação de programas que à sua esquerda se começa agora de uma forma mais generalizada a apresentar.

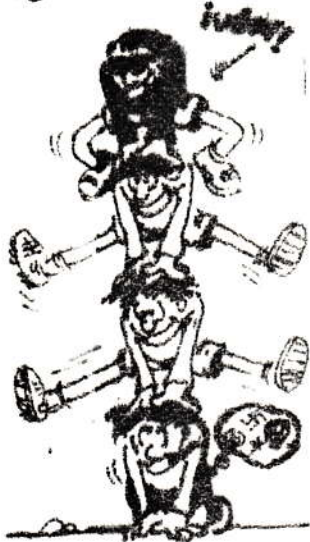


MEMBRO DAS LISTAS "UNITÁRIAS", QUE APÓS TER RECEBIDO O 4º TESTE COM 18,6, EM 239 HORAS DE AULA TER CHEGADO UMA VEZ ATRAZADO 5 MINUTOS, SE PREPARA PARA A DEFESA ENÉRGICA DOS PROBLEMAS PEDAGÓGICOS DOS ESTUDANTES. (VOTE NOVOSTI) 7.

Das palavras de ordem mais significativas, para além das referentes à "gestão democrática das escolas" e reestruturação do "ensino", é de referir, pela exemplaridade na caracterização que a UEC faz dos objectivos de luta a seguinte: "Por um ensino politicamente progressista e tecnicamente competente".



JS - mantém-se uma força marginal do ponto de vista eleitoral, incapaz de produzir uma alternativa autónoma face à direita e à UEC. É de salientar a tentativa de ganhar um discurso de esquerda que é, no entanto, acompanhado pela defesa do decreto de gestão de Cardia. Em relação às alianças, a JS tem privilegiado a UEC em desfavor da direita, apresentando-se autonomamente em algumas eleições: DG da AAC, ISE. Agita a democratização e dignificação da escola com o decreto de gestão.



JC - As últimas eleições representaram um certo avanço desta força, que aumentou o número de votos e de listas apresentadas. Há a realçar dois aspectos na actividade da JC nas eleições: -a fraqueza ideológica dos seus programas, -a não aliança com a JSD mas o aconchego à extrema direita ligada ao MIPN.

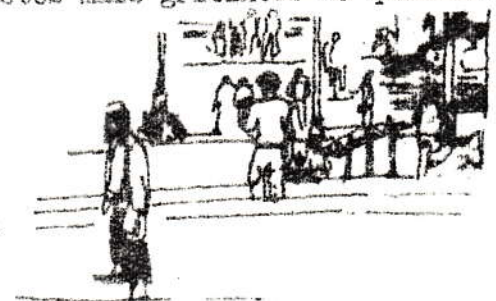
A sua participação não representa ainda uma concorrência de direita suficientemente forte em relação à JSD, apenas conseguindo algumas escolas posições de relevo: caso de Arq. de Lisboa, Medicina de Lisboa e FEUP.

FORÇAS À ESQUERDA DA UEC (UEDS; MES; UJCR; JSR) - Tentaremos agora caracterizar de uma forma mais aprofundada o tipo de intervenção que a esquerda demarcada da UEC apresentou nas últimas batalhas eleitorais.

Começaremos por fazer uma análise geral dos programas apresentados sem uma especificação da participação maior ou menor desta ou outra força, e em seguida tentaremos perceber quais as perspectivas de cada força reflectidas nos referidos programas bem como de que forma a discussão que travámos até ao encontro nacional associativo e cultural e a distribuição do EPC 23 se enquadrou nestes processos eleitorais.

Aquilo que mais ressalta de uma análise dos programas apresentados, é uma grande sensibilidade face ao estado subjectivo dos estudantes, face ao quotidiano escolar e extra-escolar, que se põe em relevo numa análise da situação actual enquadrada num período de "estabilização" em que a mobilização estudantil é praticamente inexistente, ou virada para outros objectivos que a nova situação determina. É dentro deste contexto que surgem na generalidade dos programas, textos inovadores dando largas a uma imaginação e criatividade, que quotidianamente reprimidas, surgem nos programas eleitorais como um escape.

É assim dado relevo, fundamentalmente, aos aspectos mais gritantes do quotidiano estudantil embrutecedor. Relaciona-se a situação económica agravada dos estudantes com um certo tipo de comportamento determinados pelos aspectos políticos e ideológicos. Tratam-se temas como as relações entre os estudantes e os jovens, as saídas individuais para a situação, o papel da integração cultural, o reforço de valores como a promoção e a competência, etc.; e constata-se os principais efeitos da selectividade e dos ritmos de trabalho:



"Uns desistem do curso indo engrossar a já enorme massa de jovens à procura do 1º emprego; outros entregrando-se à grande esperança de passar nos exames, aceitando submissos o marranço acrítico; outros ainda permanecendo no Técnico ou vegetando pelos corredores e salas, à procura de algo que preencha a "sua" vida através de soluções individualistas e sempre desligadas do sentido colectivo de todos nós" (IST)

Assiste-se a um agravamento permanente e em proporções assustadoras das condições de vida de toda a população, o que tem reflexos agudos na situação particular do estudante. Esmagado pelo acelerado ritmo de estudos, pelo monolitismo ideológico-cultural, o estudante aspira a ter "uma vida normal" - em prego, casa, família, e, se possível, curso. (...) Reivindicar a vida, isto é, "mudar a vida" pode ser um slogan usado até mesmo um lugar comum. Mas continua a ser a mais legítima e permanente reivindicação." (Letras de Coimbra)



"O mundo das ideias, que também estudamos fica encadernado nas nossas bibliotecas mentais. Ao "sensível", nada passa; o quotidiano cinzento da monotonia filosófica gera os tempos divididos entre estudo (qual?) e livre (que é isso?).

Os outros? não conheço. Há o-das-calças-às-riscas, a do cabelo-tipo-juba-de-leão, aquela -que-tem-um-ar-arrumadinho, o que só diz bacoradas, e o outro que sabe de tudo. Nome? para quê, é um estudante português e usa pasta medicinal... Vamos às mesmas aulas, às mesmas horas tomamos a bica. Conheço os colegas indispensáveis para a minha sobrevivência cá dentro. Os outros? São gente a mais e as turmas são grandes." (Letras de Lx)

Papel bastante importante assume também o tratamento do carácter e implicações da gestão das escolas. Aqui o relevo é dado ao papel de enquadramento na "ordem democrática" estabelecida que a escola cumpre, assistindo-se à introdução autoritária do poder de estado no interior da escola reduzindo nomeadamente os CD's a meras correias de transmissão dos gabinetes ministeriais. Reforça-se o parlamentarismo e os centros de decisão deslocam-se da organização de base para órgãos de cúpula, prevalecem grandes limitações a uma participação estudantil directa na vida da escola.

Faça a esta caracterização geral, apresenta-se a alternativa de um ensino crítico e científico que parta da organização de base e traduza as reivindicações estudantis nos órgãos de gestão. Afirma-se a necessidade de romper o cerco, tentando articular a representação estudantil na AR e CP, com uma acção, que para além de em alguns casos, se tentar dar uma maior operacionalidade a esses órgãos se traduza de uma forma mais geral no levar à prática de acções culturais, lançamento de jornais, iniciativas de convívio, etc.

Ainda quanto aos órgãos de gestão propriamente ditos, reivindica-se geralmente que o Conselho Científico tenha representantes dos assistentes, por estes eleitos, e perca o seu carácter autoritário; que o CP seja paritário; e que a AR se limite a tratar os problemas estritamente indispensáveis.

Campos como o ambiente ecológico e interno das escolas são também tratados como no caso de Letras do Porto, em especial:

"...o principal problema susceptível de ser obviado rapidamente é, na opinião da lista, a defesa e a melhoria sensível no ambiente ecológico e interno da Faculdade. É evidente que dispõe mal qualquer um de nós atravessar aquele ultra-super-lotado corredor de Germânicas, ou ter de lutar com energia para chegar a dois metros do balcão do bar e reivindicar, de longe e aos berros, um cimbolino ou uma sande de queijo..."

"...finalmente pensamos que a nossa Faculdade deverá estar mais ligada à sua zona e à sua cidade: de contactos culturais a intercâmbio pedagógico, desportivo, científico, há mil e uma maneiras de fazer laços sólidos entre a Faculdade como uma entidade colectiva e o seu meio..."

Quanto aos métodos pedagógicos e avaliação de conhecimentos, a questão é igualmente enquadrada no quotidiano repressivo dos estudantes, e como um instrumento ideológico precioso de "integração".

Reivindica-se a participação activa dos estudantes na definição dos métodos pedagógicos e denuncia-se a deterioração das relações professor-aluno, a introdução generalizada das aulas magistrais e dos testes. Defende-se ainda o trabalho em grupo, o carácter crítico do ensino, a ligação da escola com o meio e a organização de base, como instrumento essencial da luta estudantil.

No que diz respeito às saídas profissionais e aos estudantes-trabalhadores pouco se avança para além de iniciativas com um carácter muito sindicalista, embora em alguns casos a organização e discussão dos estudantes em torno destas questões possa proporcionar terrenos de trabalho revolucionário.

A apresentação das listas é também um factor a ter em conta. Fugindo aos tradicionais esquemas de montagem e utilizando uma linguagem extremamente crítica e divertida, reflecte as preocupações atrás apontadas e uma tentativa de retorno à "prática subversiva". É um bom exemplo a presente capa do EPC realizada a partir de montagem das principais listas em que participámos; assim como a seguinte passagem do programa da FEUP:

"...são todos os estudantes desta casa, alguns ainda ingénuos, outros já experimentados na luta de guerrilha surrealista praticada na FEUP.

ESTADO CIVIL, são todos solteiros !!!

ESTADO ESTUDANTIL, alguns com a corda no pescoço!

ESTADO DE SAUDE, geralmente bom, excepto em época de testes!!

MÉDIA DE IDADES, 22 anos

POLITICAMENTE, politizados!

NOTA IMPORTANTE, para garantir a assistência às reuniões associativas, a lista B compromete-se a contratar as STRIPPERS do Parque Meyer para animar as mesmas...."

Das palavras de ordem mais significativas do espírito de programas desenvolvido neste terreno, é de salientar:

MUDAR A VIDA / MUDAR A ESCOLA

QUEBRAR O QUOTIDIANO E CURTIR A VIDA

MUDAR OU NÃO MUDAR, EIS A QUESTÃO

TRANSFORMAR O MUNDO / REINVIDICAR A VIDA

REPENSAR A ESCOLA / FORJAR A ALTERNATIVA

POR UM ENSINO CRITICO E CIENTIFICO

MOBILIZAR PARA TRANSFORMAR / SUEVERTIR O QUOTIDIANO / LIBERTAR A IMAGINAÇÃO

REPENSAR A NOSSA ESCOLA / MUDAR A NOSSA VIDA.

Numa rápida análise, verificamos na maioria das listas a presença constante de conceitos de mudança e referências repetidas ao quotidiano-vida.

A par desta análise global da actuação unitária das forças que se vêm a colocar no terreno à esquerda da UEC, é importante debruçar-mo-nos um pouco sobre a actuação de cada força em particular nestes processos:

UEDS - Não tem elaborada qualquer tipo de análise segura sobre o movimento estudantil e a sua situação; por outro lado, ressalta à vista a sua colocação hesitante no terreno, reflexo aliás da sua própria natureza e composição a nível geral; ora aparecendo com o conjunto das forças de esquerda, ora colocando-se no terreno do PCP/UEC, como no caso de Coimbra. A sua participação aparece bastante reduzida no IST, onde participou exclusivamente com o MBS, e com uma presença mais significativa, em Letras de Lisboa.

JSR/PSR - Sempre teve um discurso diferente e tem usualmente mais facilidade em tratar problemas e aspectos parciais, que até aqui as outras organizações não têm tocado; apareceu no entanto neste processo relativamente apagada e de algum modo recuada, insistindo muito na "resolução dos problemas e reivindicações dos estudantes", daí a sua colagem à UJCR em alguns processos em que formaram listas conjuntas (IST e AAC).

UJCR - Aparece de uma forma mais evidente a sofrer os efeitos do desgaste da nova situação. Por um lado, sente de uma forma mais intuitiva que a partir da compreensão política a "viragem", e tenta "empíricamente" readaptar o discurso quer na forma, quer no conteúdo; por outro, continua arreigada à prática clássica para o MA e ME, ao discurso para a grande massa dos estudantes, não ultrapassando (nos casos em que aparece fora da unidade ampla) uma prática reformista. É exemplo deste último aspecto a sua participação no IST. A situação que vimos referindo, reflecte a nosso ver, uma grande indefinição de linha para as escolas, e na prática a diferenciação de posição de processo para processo: ora "apanhada de surpresa" pelas novas questões (AR's em Coim.) vindo a reboque das posições que avançamos e que são assumidas por um leque largo de independentes; ora (como na AAC - em que rompem a unidade em "desagravo" por "terem sido sacaneados") tentando reproduzir o nosso programa mas de forma desordenada e com vícios de linguagem e de uma forma que não acompanha os avanços de conteúdo.



conclusões

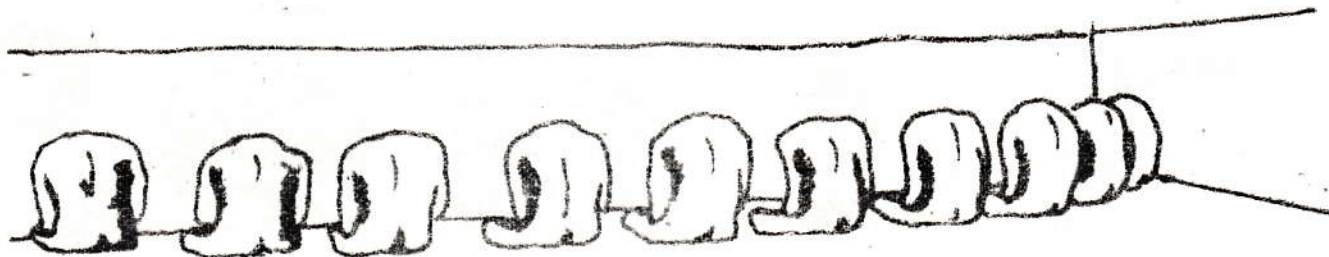
O que de mais significativo, do nosso ponto de vista, se deve retirar destes processos situa-se ao nível da confirmação da análise que vimos fazendo da situação actual nas escolas; o reforço da UEC e da JSD como as forças eleitorais bipolarizantes no ME. Bem como, a um nível diferente, o culminar de um processo de rediscussão dos problemas da juventude a que temos vindo dar a maior atenção nestes últimos meses.

Não devemos esquecer que, no relativamente pouco tempo que temos vindo a dedicar a todo o processo de repensar o trabalho, partindo praticamente do zero face a uma alteração profunda das condições exteriores e também de nós próprios, algo de bastante positivo foi conseguido como o provam, não tanto os resultados, mas sim a actuação que tivemos, o desencadear de processos de debate generalizado num sector importante da juventude estudantil.

Neste particular, ainda dois pontos a salientar: O primeiro, a confirmação da existência de um sector radicalizado da juventude nas escolas, que embora com maior peso nos últimos anos do curso, é passível de ser reproduzido - é o capital onde devemos investir. O segundo ponto, com este relacionado, tem a ver com a posição de voto deste sector, que se verifica ser um voto à esquerda da UEC qualquer que seja a composição partidária das diferentes listas do campo revolucionário.

Por último, a importância dos ensinamentos que devemos retirar dos processos em que estivemos empenhados para aquilo a que se tem vindo a chamar "a recomposição das forças de esquerda", que longe de ser uma panaceia para os males de agora, é algo de palpável que a prática deve e pode vir a definir na continuação do caminho por ora aberto.

(*) Publicam-se em anexo na última página os quadros com alguns dos resultados eleitorais.



PROPEDEÚTICO

- Existem mais de 5000 estudantes inscritos.
 - Existem 4 centros oficiais de apoio ao propedéutico: Escola Oliveira Martins, Liceu Carolina Michaelis, Liceu de Matosinhos e Liceu de Gaia.
 - Abriram numerosos externatos particulares-comerciais, com cursos do propedéutico.
 - Existe uma pró-comissão de luta, com cerca de 30 elementos que ainda não foi ratificada em plenário.
- (nota: a imprensa tem-se mostrado muito interessada no "nosso" problema, nomeadamente jornais reaccionários como o "Comércio do Porto").

Agora trata-se de saber o que é que os dados acima referidos querem dizer:

Ao contrário do que podem fazer crer os últimos ministérios pós-Cardia, o ano propedéutico não se tornou menos selectivo e as condições pedagógicas não melhoraram.

O unico facto novo que se pode retirar da (pouca) experiência deste ano, é o fim da contestação frontal do ano propedéutico. Ao contrário do que aconteceu o ano passado, o propedéutico foi institucionalizado e os estudantes já só vêm este como a única via de ingresso na universidade. À primeira vista isto pode parecer um simples adequar à situação, mas não é: trata-se de abrir caminho à "domesticação" de todos os estudantes do ensino superior.

Com a entrada destes novos alunos, irão entrar aqueles que souberam adaptar-se melhor ao sistema; e isto é tanto mais verdade quanto sabemos que na FEP, escola de tradições para os revolucionários, a direita ganhou com uma margem razoavelmente larga no 1.º ano.

Partindo destes pressupostos o papel da COMISSÃO de LUTA não deverá ser o criar de ilusões de grandes mobilizações de massa, mas sim ir criando uma certa base de apoio e um certo numero de quadros que venham aguentar e reforçar o trabalho dos sectores progressistas no M.A. e M.E..

Esta perspectiva não nega a necessidade da realização de plenários de estudantes, que serão, certamente, pouco concorridos; o que se trata é de nestes plenários se alertar os estudantes e a opinião pública para o que significa esta situação.

Por último será de referir quais as minhas perspectivas quanto à comissão de luta:

- a agitação deverá ser feita em torno dos métodos pedagógicos, da selecção económica sempre agravada e dos "numerus clausus"; denunciando a política restritiva de acesso à universidade como medida perfeitamente reaccionária e articulada com os outros ataques aos direitos e conquistas estudantis e populares.





a crise de 69

HISTÓRIA

A necessidade de mudança na intervenção estudantil tem sido tornada mais ideológica e menos prática, erro aliás natural dada a situação asfixiante que vivemos. Praticar a mudança, eis o desafio que se nos coloca e o combate que nos anima. Mudar implica agir e também reflectir sobre as experiências e as roturas do passado. Coimbra 69 é um exemplo. O EPC ao divulgar alguns extratos de um texto da AAC de Maio de 69 nada mais faz do que contribuir para uma reflexão e debate colectivos.

Este texto faz parte de uma série de "Textos para discussão" editados pelo Departamento de imprensa da AAC em pleno processo de greve desencadeado aquando da crise universitária de Coimbra.



"A discriminação social e económica faz parte integrante de certas formas de organização sócio-política. É consequência do facto de a riqueza aí se concentrar em certos grupos sociais e de o acesso ao ensino ser condicionado pela detenção de meios económicos susceptíveis de satisfazer as despesas respectivas. (...) Chega-se, pois, à conclusão que uma completa democratização do acesso a todos os graus de ensino é a primeira condição duma autêntica reforma de qualquer sistema de ensino.

Pretendendo-se transformar uma cidadela em cidade aberta, não se justifica a manutenção das muralhas interiores duma estreita hierarquização. A escola deve tender a ser cada vez menos uma instituição estratificada, para ir sendo empreendimento de colectividades sucessivamente mais amplas. Trata-se da participação dos interesses conforme a natureza e o grau de ensino, implicando uma interligação crescente entre as escolas e as comunidades circundantes. (...) O poder dentro da escola tem de ser efectivamente distribuído, como não pode em qualquer escola estar monopolizado. Há que criar um ambiente de trabalho em comum, de criação conjunta, estilhaçada para sempre a filionomia actual de mera de diplomas e distribuidora pachorrenta de conhecimentos.

Mas para uma renovação das estruturas nacionais adquirir a desejada eficácia, precisa de actuar uma nova metodologia pedagógica atenta à rica pulsação do real, capaz de absorver os progressos da pedagogia. Uma pedagogia susceptível de se enriquecer com os meios técnicos hoje à sua disposição e ágil no seu movimento de constante progresso à luz do confronto com a sua eficácia prática. (...) É como Freinet fez notar, "a pedagogia foi a maior parte das vezes não a ciência da formação do homem, mas o estudo dos métodos susceptíveis de permitir e facilitar a aquisição de uma maior quantidade de saber". E hoje interessa produzir uma aptidão para pesquisar, uma capacidade para aprender, uma atitude crítica e selectiva, nunca a sobrecarregar a memória com tudo quanto seja transmitido num "bric-a-brac" de conhecimentos inúteis. Neste sentido se pronuncia o especialista Mikhail Prokofiev ao dizer "quanto mais o ensino assentar sobre o princípio de que aprender é descobrir mais eficaz será". (...) Foi ainda Roger Garaudy quem observou: "trata-se assim cada vez menos de adquirir de uma vez para sempre uma aprendizagem realizada no início da vida profissional, um saber determinado e acabado, mas de exercer, através de uma educação contínua, a aptidão para compreender sintética e dialécticamente os conjuntos complexos e móveis, e o método ou arte de formular questões e não o de trazer respostas manuais ou intelectuais pré-fabricadas".

Um último reparo é no entanto necessário. Referiram-se as características a assumir pelas estruturas educacionais, as coordenadas muito gerais da sua actuação, a necessidade de não estabelecer privilégios no acesso a qualquer grau de ensino. Não se pode no entanto esquecer que sem um certo numero de medidas ao nível das condições de vida de certos sectores da população, a igualdade de oportunidades será sempre ilusória em virtude das profundas desvantagens que a pobreza por si provoca em quem nela se vê envolvido.

A democratização do ensino não é um conjunto acabado de medidas envolvendo apenas as estruturas educacionais, mas um processo de permanente destruição de todas as desigualdades, de modo a se ir conseguindo uma cada vez mais efectiva equiparação das oportunidades de todos. Um processo cuja lógica de desenvolvimento interno, conduz ao imperativo de se outorgarem a todas as crianças, a todos os jovens, o mínimo de condições sociais necessárias e um aproveitamento integral da democratização das estruturas educacionais. "

LISBOA

COIMBRA

<u>ISE</u>	
MES/UJCR/JSR	510
VEC	615
JSD	200
JS	200
MRPP/PCTP	80

<u>CIÊNCIAS</u>	
UJCR	43 RPT.
JSD	} 43 RPT.
JS	
VEC	4 RPT.

<u>CIÊNCIAS</u>		<u>ECONOMIA</u>	
JSD	480	JSD	168
MH/UJCR/IND	290	ESR.	237
VEC	260	JS	57
		JS	44

<u>YST</u>	
JSD	1100
VEC/JS	500
UJCR	400
MIRN/JS	250
MES/VEDS	160

<u>ARQUIT.</u>	
JS/JSD	341
VEC	295

ARTS PLASTICAS
LISTA ÚNICA DE ESR.

<u>FRANÇA</u>		<u>AAC</u>	
JSD	2060	(2699)	
VEC	1245	(2611)	
JS	507		
UJCR/JSR	712		
MRPP	83		
BANCOS	190	100	
NOTOS	100		

<u>ISCTE</u>	
UNT. ESR.	436
JSD	330

<u>VETERINÁRIA</u>	
LISTA ÚNICA DE VEC 476	
"OPÇÕES INDIVIDUAIS"	

PORTO

<u>F. LETRAS (AR)</u>	
VEC	1018
JSD	945
MES/VEDS/UJCR/JSR	611

<u>MEDICINA</u>	
1.º VEC/JS	
2.º JSD	

<u>MEDICINA</u>		<u>FEP (ECONOMIA)</u>	
DIR. DIR.	663	JSD	627
ESR	585	VEC	210
		MH/IND/UJCR	637

<u>CD/HISTÓRIA</u>	
VEC	374
MH/IND/UJCR/JSR	254
MRPP	163

<u>FARMACIA</u>	
JSD	210
MRPP/PCTP	26

<u>FEP</u>		<u>ARQUITECTURA</u>	
JSD	387	MES/IND/UJCR	73
EXT. DIR.	311	VEC/DIR.	82
UDR/IND	292	NOTOS/BANCOS	73
VEC	293		

<u>CD/FILOLOGIA</u>	
VEC	426
MH/VEDS/UJCR/JSR	83
MRPP	52

<u>ISSSL (AE)</u>	
1.º MES/IND	
2.º VEC	

<u>F. DIREITO</u>	
VEC/JS/VEDS	630
JSD	900
UJCR	200
MRPP/PCTP	115

<u>LETRAS</u>	
OS/JSD/PRM/IND	4022
VEDS/MH/JSR/UJCR/IND	559
VEC	282

<u>Psicologia (AE)</u>	
MES/JSR/IND	79
VEC/JS	140

